

A ILLUSTRAÇÃO

DIRECTOR-PROPRIETARIO : MARIANO PINA

N.º 17.—VOLUME VI.

PARIS 5 DE SETEMBRO DE 1889.
Escritórios : Paris, 13, Quai Voltaire.

SEXTO ANNO



OS VISITANTES DA EXPOSIÇÃO. — THOMAS EDISON, escutando o phonograph.



A CASA DE EDISON, EM LLERVELLYN PARK (NOVA-YORK).



Uma ligeira indisposição fez com que o nosso diretor Mariano Pilar não pudesse escrever hoje a sua *Chronica quinzenal*. E com o maior prazer oferecemos este lugar ao nosso brilhante colaborador Guest, que com tanta verve mostra aos nossos leitores todos os lados pittorescos da vida portuguesa-siense. — N. N. da R.

A TRAVEZ DE PARIS

O banquete dos maiores. — Um calculo perfeito. — Kipidomia da banquete. — Um inverno. — Um sabio com apuros. — Boulangers perplexos. — Uma sentença esdrúxula. — Um pequeno artista. — A pleada d'un vampiro. — O th.

UM rumor formidável de mandíbulas abrindo-se, fechando-se, dominou todos os outros ruídos de Paris. Quinze mil queixadas de maiores funcionando simultaneamente e no mesmo recinto, que espetacular! Imagine-se agora Sansão, contumplindo. Que se passaria dentro d'aquele cabaço?

O que essas fauces municipais elecivas devoraram, outros vol-o dirão.

Não seiu eu quem vos conte o numero exacto de vitelles e empâches que se despenharam nos quinze mil sorvedoriosinhos exteriormente cingidos pela faixa tricolor. A estatística de resto já se apoderou d'este banquete sem exemplo, e é por x x e raizes cúbicas que se calcula o total das virtualias. A torte Eustá serviu de covado para medir a columna dos pratos empilhados; e a vertigem assalta-nos se nos curvarmos sobre a pirâmide das garrulices vazias. Houve um farcista que tentou calcular o numero de litros ingurgitados; de repente ouviram-nos soltar um grito roxo, ao passo que longava em redor olhares desvairados. E' que, à semelhança do herói de Hugo, tinha entrevisto o Infinito.

A hora alegre da festa foi a da chegada dos maiores. Vintau os grupos, entre alus de papalvos, saudados por gritos e aclamações. E sorriam contentes, correspondendo aos aplausos, distribuindo beijinhos, as suas bolas bochechos campecheus iluminadas de alegria. E que trajos! Casacas contemporâneas do megaríthium, canudos da edade do silex e da pedra talhada, coletas de rebuscos paleontológicos! Alguns arvoravam ousadamente o chapéu de abas largas, outros o Panamá dos dias quentes passados na vinheta, sob um sol de chumbo. Mas nem uma sombra de embaraço ou de timidez, sob os olhares zombeteiros que os seguiam — a consciência d'um elevado missão, d'um alto papel brilhava em todos os rostos. E cada um, ao atar o seu guardaço à baby, em torno de pescoço, imaginou possuir realmente em si a alma do município, o espírito alado da comunha, e partiu o seu pão lançando em roda um olhar imperioso.

Mas não é este o único banquete, são aos dezenas, aos centos todos os dias, a propósito de qualquer coisa *pour rire, pour le plaisir*. Edison, que é convidado para todas elas, leva a mais triste vida d'este mundo, sem mesmo ter tempo para fazer as suas digestões. E' elle o rei de Paris, n'este momento, rei por oito dias, já se sube, como nas operas cómicas. As realezas em Paris nuncas duram muito mais. A de Edison pode contase entre as mais brilhantes. Faz-se cauda à porta do seu hotel para o ver sair. A Ópera consagravá-lhe um recito de gala. A Academia de ciencias recebe-o em sessão solemne, mas a que infelizmente já não pode assistir

aquelha bom velhore, cujo nome me não ocorre agora, e que no dia em que o optimativo phonograph foi apresentado à douta companhia, se agarrou an nuriz do operador, convencidíssimo de que era elle que falava com voz de ventriloquo, e não o maravilhoso instrumento. A morte já arrebatou esse excellente catarru, que faz realmente falta no triunpho actual de Edison, mas em compensação lá estava a elite intellectual de França — e foi de certo esse um momento bem doce no vido de Edison, por mais alhoio que seja o seu clare e methodico espirito às frivolas vaidades humanas.

O que é impagável é a phisionomia de Edison durante as d'estas festas celebradas em sua honra. O pobre grande homem é um monologuista sem mistério, e só em ingles lhe é permitido comunicar com o seu phonograph. Na hora critica dos brindes e dos discursos, elle bem quereria testimunhar a sua gratidão pelos louvores que advinhava serem-lhe dirigidos, mas como? A palavra *Merci* parece-lhe lacônico demais, e é a unica que elle sabe em frances. Não ha remedio senão recorrer ao *volapük* do pantamim e é por meio de olhares, de sorrisos, de mãos postas sobre o coração, que elle exprime o seu profundo reconhecimento. Não é curioso ver um dos homens a quem mais deve o problema da transmissão do pensamento, todo embaraçado para exprimir o seu?

O cachaço eleitoral já ferve na província. D'hoje a um mês o brave *général* saberá definitivamente se é um heroe ou um polichinelo, quando que o preocupa deveras e sobre a qual elle tem, como toda a gente, duvidas profundas. Que será eu, exclama elle a estas horas como o marmore de fabula, Deus, meza, ou bacia da cara? Seja qual for o destino que o espera, o que é certo é que elle ha de poder exclamar, mesmo em caso de derrota, como aquelle personagem do segundo imperio ao saber do desastre de Sedan e do desabamento do imperial regimento: *C'est égal, nous nous sommes crânement amusis!*

Ninguem já falou do *Jugement* da Haute Cour. A opinião não o tomou a serio. O Senado quis ser terminal e foi simplesmente infantil. A condenação de Rochefort a deportação perpetua n'uma fortaleza, pelo crime de escrever todos os dias no *Intransigeant* meia dozina de blagues desarticuladas como *parlances* de circo, é uma d'estas catarceiras de velho gaga que só se podem contar como uma anedota, e que é impossivel discutir com gravidade. O que surpreendeu e desorganizou o criterio intransigente é ver, por ex.: o nome de Jules Simon, habituado a assignar obras primas, firmando tranquilamente a extravagante sentença.

Entretanto como já disse, o fogo vai lavrando surdamente. As reuniões eleitorais sucedem-se todos os dias, e numas d'ellas Lissagony chama covadela a Cassagnac.

— E ainda vive? pergunta o leitor assustado.

— E de perfeita saúde responde eu, convenido de que lhe vou causar um profundo desapontamento.

A morte de Villiers de l'Isle Adam é a nota triste d'esta quinzena jovial. Com elle desaparece uma das mais raras e delicadas individualidades da literatura contemporânea. Da geração parnasiana que conta nomes como os de Coppée, Dierx, Armand Silvestre e Catulle Mendes, elle era incontestavelmente o talento mais original, mais estranho e menos popular. A sua arte é difícil de definir, sente-se mais do que se comprehende e sobre tudo do que se explica. Procede de Edgar Poé e de Baudelaire; e todavia é inconfundivel com elles. Os seus livros d'um symbolismos singular e misterioso nunca obtiveram o largo sucesso de vendas que consagra as reputações criadas nos cenaculos e lhes abre o acceso do grande publico. E' que ignorau sempre Villiers de l'Isle Adam, e nem sequer deu pelo

seu desaparecimento. Um exiguo numero de amigos ficsaram acompañou o grande artista à sepultura; este mesmo grupo fraternal já durante os ultimos meses da sua vida o salvava da absoluta miseria, a que o sonhador sublime, o contemplador d'astros e do infinito, se deixava resvalar sem lueta e sem resistencia, na sua desdenhosa indiferença pelas baixas e tempos realidades.

O tumulo pouco revelou decente a Villiers de l'Isle Adam, cuja alma foi talvez, de entre as de todos os homens, a que mais se debrucou sobre o tenebrioso abysmo e a que lhe arrancou maior numero de segredos. Os sonhos, as abstracções, as allucinações que elle conseguira surprehender e fixar na mais bella e nítida linguagem que jamais falou um artista, são os despojos magnificos que esse caçador chimerico trazia das suas excursões pelo alem obscuro, sobre o qual se abre a porta do sepulcro. A semelhança do heroe da lenda rhemana, elle regressava de cada uma dessas vingens mais velho de com annos em desalento e em desesperos intimos, mas trazendo no olhar a visita das coisas misteriosas e ignotas que o seu genio devassara. Por isso quando a hora de morrer souo para elle, foi com um sorriso que elle contou as palpitações do seu pulso a extinguir-se, e quando o ultimo sopro se exhalou do seu labio torturado, resplandecia no seu rosto o clacio da Centozia absoluta e da immarcessivel Serenidade.

Um olhar de piedade para esse pobre Damal que a morte arrebatou tambem ha dias. Quem diria que esse soberbo mocoso, cujos musculos faziam bossa sob as mangas da sobre-casaca, cujo pescoço robusto, cuja cabeca realmente bella respirava saude e forza, iria mais cedo para a cova do que o magro e franzinco arco-íris do nevrastico, queimado de paixões e de vícios *par les deux bouts*, fragil boiinha d'uma lâmina candente, de que elle tivera um dia a veleidade de fazer sua espousa legal, perante o sun, matre! Os que seguiram de perto este par excentrico puderam presenciar durante os ultimos meses da vida de Damal a coisa singular e macabra — o explendido moco de outre-va, le beau male, como agora se diz, definindo-se, mirando, empalidecendo, as faces chapadas, o olho atone e vidrado, como se lentamente o sugasse uma invisivel máquina pneumática — e ao lado d'elle a fêmea meio-étnica, que tossia sangue e cujo exarditillo cabia n'um sinal, transformando porco e porco os seus angulos em curvas, ganhando cor e frescura, desabrochando como uma planta gorda de estrufo. Dir-se-hia que a vida d'um passava lentamente para o outro, por meio de não sei que endosmose mysteriosa e sinistra.

Na realidade, o caso explica-se. O police rapaz era realmente amante d'um vampiro, o qual se encontra em todas as farmacias e se chama — morfina. Em poucos meses, o monstro aspirou-o, bebeu-o, fez do magnifico animal saidio e robusto que elle era um lamenauvel e mafioso espectro, de olhar pannado e voz tremula, que um sopro fez esvair-se.

Os primeiros symptomas do mal manifestaram-se por occasião do seu reaparecimento recente no papel de Armand Duval. Nervoso, vacillante sobre as pernas, em luctu com uma memória já debilitada, o seu desempenho foi um penoso desastre. Estava perdido.

O police rapaz nunca soube bem ao certo o que qual. Era um espiritu desequilibrado e inconsciente. O seu casamento com Sarah Bernhaed desarranjou-o de todo, e d'ahi em diante todas as rodas do seu mechanismo intellectual pozaram-se a girar como doidas. Dentro da sua bella cabeca de pensador e de poeta havia o miolo d'um ouistiti. D'ahi as suas phantasias d'uma inconsequente simiesca, o seu divorio, o seu brusco abandono da vida teatral para se alistar coeso soldado n'um batalhão da Tunisia, o seu imediato arrependimento que o faz dei-

xar as fileiras e voltar de novo a precipitar-se na voragem de Paris, que o atraiu, que o espanta, e que finalmente o devora e faz d'ele um cadáver.

A sua última extravagância foi a sua reconciliação com Sarah Bernhardt; mas d'esta vez, ninguém ficou surpreendido. Todo o povo se exultou com o casamento.

Na vida real Damala era um pobre diabo, verboso, gesticulante, *rastapouvre* e *cabotin* nos modos e nas palavras. Fazia efeitos de punhos engomados nos restaurantes, lançava o cabello para traz, e gritava aos crendos, com a sua bela voz de gulan sonora e grave: — « Um almoço de 5 luizes! E dize ao mestre que se distinga! » O que deixava o burguez estremecido. Como actor, Damala adoptaria ultimamente a recitação monotonica e incolor de Sarah Bernhardt, reservando-se apenas para certas situações, e adoptaria também a pronuncia extravagante que aquella actriz pôz em moda e que consiste sobre todo em articular os *t* e os *d*, à semelhança do *th* britannico, com a língua entre os dentes. É um horror de pretensão borata e de pose reles. Mas querem acreditar que esta macaquesinha já transpus os Pyreneus e a Hespanha? Um conhecido escriptor, que nem sempre é muito feliz na escolha das suas originalidades, não articula o português d'outra forma — mas o horrível, o medonho, é que já vem aíra d'ele uma geração de admiradores imberbes, seus pagens de letras, que o imita em tudo, e que já se lhe apodera dos *it* e dos *dd*! Vejam o futuro que nos espera...

GIESS.

AOS NOSSOS ASSIGNANTES

De muitos assignantes de Portugal temos recabido ultimamente cartas excessivamente amaveis, pedindo-nos para publicarmos TREZ NUMEROS da ILLUSTRAÇÃO cada vez, em vez de DOIS, como sempre tem sido.

Agradecendo esta prova de tamanha sympathia que nos dão os nossos assignantes de Portugal, devemos dizer-lhes que não podemos fazer uma tal inovação, sem termos o consentimento de todos os nossos assignantes.

A ILLUSTRAÇÃO, com os numeros que este anno tem publicado acerca da Exposição de Paris, parece-nos que tem dado sobradas provas de que só precura ser agradável aos seus leitores.

Certamente que a ILLUSTRAÇÃO publicando-se TREZ VEZES POR MEZ, passaria a ter muito maior interesse, porque imediatamente inauguraríamos o romance ilustrado, o romance próprio para famílias, com magnificas ilustrações dos primeiros desenhadores franceses.

Mas é preciso que os nossos amaveis assignantes aos quais respondemos hoje, se lembram que este aumento d'um numero representa mais um numero que é preciso pagar, e pode haver algumas baixas modestas para as quais este aumento seja um sacrifício.

Para decidir a questão só vemos um meio: — apelar para o Sufragio Universal!

Os nossos assignantes e compradores avulso que desejam que a ILLUSTRAÇÃO, para se tornar mais variada e mais interessante, passe a publicar-se TREZ VEZES POR MEZ, comprometem um bilhete postal de 20 réis, e mandam a sua aprovação pelo correio ao

por mez, mandam também a sua reprevação n'um bilhete postal de 20 réis.

Pademos a todos sem exceção que nos respondam, apenas leiam este convite.

Todos os bilhetes postais, ou cartas com uma estampilha de 50 réis, devem trazer bem claro o nome e a morada dos signatários.

Tudo está agora dependente do sufragio dos nossos leitores. E assim faremos sempre, para irmos sempre d'acordo com a vontade do publico.



AS NOSSAS GRAVURAS

OS VISITANTES DA EXPOSIÇÃO
THOMAZ EDISON

No ultimo numero da ILLUSTRAÇÃO o nosso director Mariano Pina consagrava a sua chronica a uma audição a que havia assistido do novo phonograph de Edison.

Parceu-nos portanto do maior interesse oferecer hoje aos nossos leitores o retrato do grande inventor do phonograph, d'aquele a quem se deve o telephone, a pena electrica, os grandes aperfeiçoamentos no emprego da luz electrica, — e que hoje trabalha no aperfeiçoamento d'um novo apparelho que reproduz as imagens a distancia, e que permitirá a quem estiver falhando no telephone, ver ao mesmo tempo reproduzida n'um espelho, a imagem da pessoa com quem estiver falhando!

Isto parece um conto das *Mil e uma noites*... O mesmo se disse do telephone; o mesmo se disse do phonograph...

Boje, graças a Edison, um individuo em Paris fala com um amigo que se acha em Bruxellas; assim como uma pessoa que se acha em Lisboa pode mandar um recado com a sua propria voz a uma pessoa que se acha no Brazil ou no Japão. E este recado pode-se archivar, e d'aquei a 300 annos tornar-se a ouvir a voz da pessoa que o dictou...

Thomas Edison acha-se actualmente em Paris. E' agora a primeira vez que o grande inventor deixa a sua America do Norte para vir pisar o velho continente europeu. E bem velho na verdade. Porque enquanto Paris recebe o som de trombetas, de tambores e de canhões o Schah da Persia, o prelado Saitu, e outros exóticos personagens, — Edison, este rei da inteligencia, é acolhido em Paris como um simples mortal, por um grupo de amigos e de admiradores que o faram esperar a gare.

A cosa em que mora Edison, nas proximidades de Nova-York, exteriormente nada tem de extraordinario. Mas por dentro, é o verdadeiro orador da Electricidade!

Vive-se ali, como dentro d'uma magia! Só se vêem botões electricos por toda a parte; o apenas se carega n'um, é logo uma surpresa e uma maravilha que nos surge como que por encanto...

Edison nasceu em 1847. Seu pai que havia ensinado todos os modos de vida, sem ser feliz em nenhum, era muito pobre. E nos onze annos Thomas Edison andava vendendo jornais pelas gares dos caminho de ferro!

Como é que este asombroso espirito tão tarde cultivado, e que se abriu tão rapidamente ás mais espantosas especulações da scicencia, se desenvolveu, é o que não podemos relatar em tão curto espaço. Esta mysteriosa genese do genio é tão difícil de descrever como de compreender. Basta dizer que em nove annos de estudo, Edison igualou em conhecimentos praticos os mais notaveis engenheiros electricos do seu tempo.

Edison é um homem alto, de rosto imberbe e pallido, olhos profundamente encovados, cabellos grisalhos calhados sobre a fronte. Tem quatro filhos, e é casado em segundas nupcias. Do dho mais novo que hoje conta tres annos, o Ilustre saiu guardou n'um phonograph o primeiro grito quando veio ao mundo, para lho fazer ouvir quando chegar á maioridade...

A nossa gravura representa Thomas Edison esculpindo o que lhe diz o phonograph, — a ultima maravilha saída das suas mãos — e que d'aquei a

pouco vao ser d'uma absoluta necessidade, como hoje já é o telephone.

Os rôlos brancos que se vêem ao lado do phonograph, são os rôlos que se introduzem no phonograph e onde o estylo se gravando as vibrações da voz, a proporção que se fala no apparelho.

Quando tiver concluído o apparelho que reproduz as imagens a distancia, — Edison pensa entregar-se no estudo do aproveitamento da força do elemento líquido.

No sua viagem para a Europa, Edison ficava horas e horas na ponte do vapor, contemplando o Oceano, o movimento incessante das vagas. E exclama constantemente: — « Quanta força aquil perdida! »

E agora não abandona a ideia, apenas volta para Nova-York, de ver se descobre o meio de aproveitar a força das aguas.

Mas isto só depois do apparelho para levar as imagens a distancia, — e de experiencias que anda agora tentando obter da direcção dos balões.

Extraordinario e assombroso espirito...

*

No dia 23 d'agosto findo Sua Alteza Real o sr. D. Carlos de Bragança assistiu no pavilhão português do quai d'Orsay a experiencias do phonograph, que lhe foi apresentado pelo sr. Monteiro e Sousa, representante em Portugal e Brazil da companhia d'Edison para a exploração d'este apparelho.

Estavam presentes os srs. conde de Seixal, conde de São Mamede, conde de Valbom, conselheiro Mariano Cyrillo de Carvalho, presidente da comissão portuguesa, Carlos Lobo d'Avila, conde d'Alvezedo da Silva, Eça de Queiroz, Bordallo Pinheiro, José Ribeiro da Cunha, Mariano Prezado, Alfredo de Castro, Mariano Pina, etc.

S. A. R. ouviu trochos da *Carmen* que haviam sido cantados em Londres pelos irmãos Andrade, ouviu um piano e um solo de cornetim. Depois, aproximando-se do phonograph pronunciou estas palavras: — « Estou verdadeiramente maravilhado pelo modo como este apparelho reproduz os sons que são confiados ás suas placas. »

E imediatamente o phonograph repetiu esta phrase, reproduzindo fielmente o timbre de voz de S. A. R.

Brevemente haverá experiencias em Lisboa. Para esta cidade terá o sr. Monteiro e Sousa um rôlo onde ficou gravada uma recomendação do phonograph feita pelo sr. conselheiro Mariano de Carvalho, algumas phrases de Bordallo Pinheiro e do sr. Gerardo Pery, e uma carta fallada do nosso director Mariano Pina ao seu amigo e ilustre orador Pinheiro Chagas.

Estamos certos de que o phonograph ha de despertar grande curiosidade em Lisboa.

BORDALLO PINHEIRO NO « CHAT NOIR »

Li-se nas *Novidades* de Lisboa, do 13 d'agosto findo, a seguinte noticia acerca da festa dada no *Chat Noir*, de Paris, em honra do nosso ilustre e querido amigo Raphael Bordallo Pinheiro:

No dia 9 em Paris, no famoso *cabaret* artístico do *Chat Noir*, grande festa e representação em honra de Raphael Bordallo Pinheiro. Esta festa tão sincera e tão brillante, merece bem que a mencionemos em todos os seus detalhes, porque não só é uma honra para o artista que installou o Pavilhão Portuguez, mas porque é mais uma prova da grande sympathia que Portugal encontra em todas as classes da sociedade francesa.

Rodolphe Salis, o fundador e proprietario do *Chat Noir* e do jornal semanal ilustrado, que em Paris se publica com o mesmo titulo; o fundador d'esse famoso *cabaret* de onde sairam para o grande publico os nomes de poetas como Maurice Rollinat, Jules Jouy, Victor Meusy, Mac-Nab, Jean Rameau, e de artistas como Caran d'Ache, Willette e Henri Rivière; — Rodolphe Salis, que é pintor, escriptor e grande amador de *bric-a-brac*, entrou ha dias por acaso no pavilhão português do Quai d'Orsay. E aconteceu-lhe, o que tem a acontecido aos mais distinguidos amadores, ficar maravilhado com as faisanas artísticas e os deslumbrantes agulheiros que ornamentam a nossa exposição, todos saídos da fabrica das Caldas da Rainha.

Depois de ter percorrido toda a nossa exposição, Rodolphe Salis procurou ser apresentado a Bor-

DIRECTOR DA ILLUSTRAÇÃO

13, Quai Voltaire, 13

FRANCE

Paris.

Os assignantes e compradores avulso que achem oneroso este augmento d'um numero



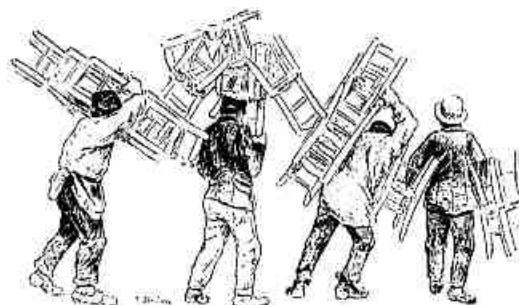
PARIS PITTORESCO. — O teatro das boêmias no « Chat Noir ».



AS FESTAS DA EXPOSIÇÃO. — As noites do balcão dos « Maîtres » no Palacio da Indústria.



PARIS PITTORESCO. — A SALA DAS REPRESENTAÇÕES NO « CHAT NOIR »



TRANSPORTE DAS CADEIRAS.



CILINDRICA DAS ETIQUETAS.

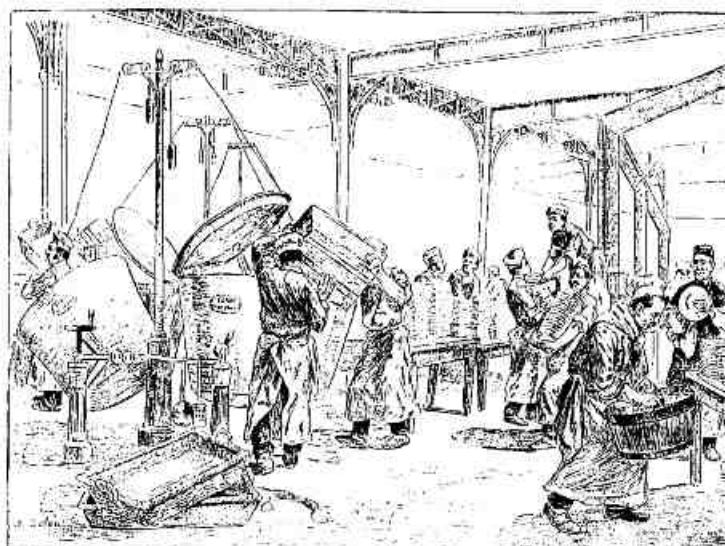
dallo Pinheiro, para o felicitar pelos seus trabalhos, testemunhá-lhe a sua admiração, e dizer-lhe que as suas faianças, pela sua individualidade, estão destinadas a operar uma verdadeira revolução entre os artistas ceramistas. E despediu-se de Bordallo, convidando-o a elle e aos seus amigos para uma

soirée que Salis desejava dar em honra de Bordallo nas salas do *Chat Noir*.

Essa soirée realizou-se no dia 9 do corrente, na sala de espectáculos do elegante e pitoresco cabaret, tão conhecido não só de Paris, mas de todos os estrangeiros amantes de letras e artes que se en-

contram nas margens do Sena.

Na sala estavam os poetas, escritores e artistas que frequentam o *Chat Noir*. Poucos logares havia para o público. Acompanhavam Raphael Bordallo, seu irmão Feliciano Bordallo Pinheiro, e os seus amigos Carlos Pinto Coelho de Castro, os esculto-



AS GRANDES MARMITAS PARA A RÓPA.



OS GRANDES FILTROS PARA CAFÉ.

res portugueses Teixeira Lopes e Thomaz Costa, Julio Palmeirim, Oscar de Araújo, os escultores franceses Houssin e Hirou, Augusto e Mariano Pina.

Rodolphe Salis anunciou aos seus convidados que a recita era dada em honra do mestre céra-

mista português. Bordallo Pinheiro, o artista que do fundo de Portugal veio mostrar a Paris e a todo o mundo artístico, que novo caminho tinha a seguir a arte da faiança! »

O teatro do *Chat Noir* é um theatinho de sombras chinezas, onde há dois annos tamponho successo

obteve a famosa *Epopéa* de Caran d'Ache. Em honra de Bordallo fez-se a reprise da *Tentation de Saint Antoine*, de Henri Rivière, drama burlesco em dois actos e vários quadros — e de *l'Amour*, drama psychologico em dois actos e quatro quadros.



A COSTURA DOS BATIMÓS.



O RESTO DOS POBRES.

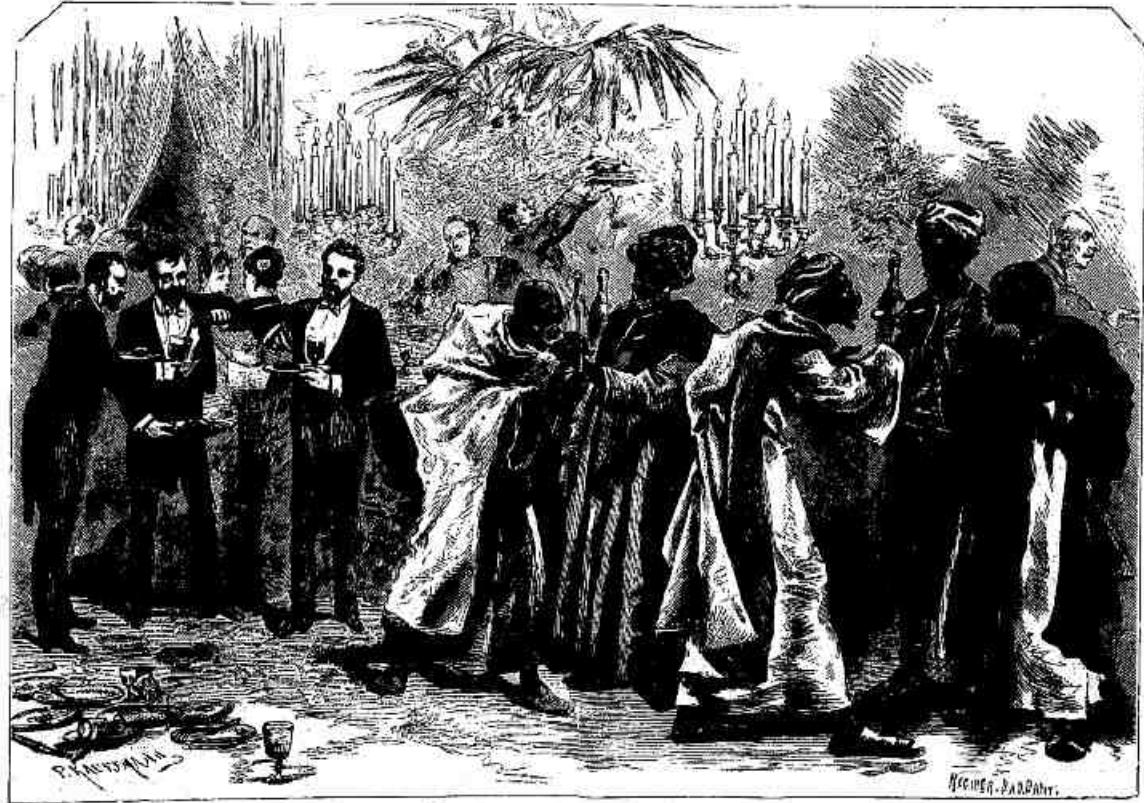


EXPOSIÇÃO DE PARIS. — BELLAS-ARTES. — A CABRA CEGA.

QUADRO DE AUGUSTO TRUPHÈME.



OS VISITANTES DA EXPOSIÇÃO. — O REI DINAR SALIDU, SUA MULHER E SEU FILHO.



AS FESTAS DA EXPOSIÇÃO. — OS DELEGADOS DO SENEGAL NO BANQUETO DO PALÁCIO DO ELYSÉE.

A representação foi intercalada com recitações de poesias e canções, ditas pelos próprios autores, os poetas Jean Rameau, Victor Meusy, Adrienne Mac-Nab, etc.

Terminado o espetáculo, desceu-se para as pittorescas salas do rex-de-chão (porque o *Chat Noir* ocupa um palacete seu na rue de Laval) e um, orquestra executou o hymno português e a *Marseillhe*. Rodolphe Salis levantou vivas a Portugal, que foram entusiasticamente correspondidos por todos os frequentadores.

Em seguida abriram-se várias garrafas de Champagne, e Salis apresentou Bordallo e os seus amigos a todos os poetas e artistas que ali se achavam, havendo muitos e entusiasticos beijos a Portugal, à França, aos artistas e escritores portugueses, aos artistas e escritores parisienses, etc.

Rodolphe Salis ofereceu a Bordallo uma primorosa edição ilustrada dos *Contes du Chat Noir* com esta dedicatória, escripta em velho francês :

A Messire Raphael Bordallo Pinheiro, maître céramiste du quai royalme de Portugal et graveur inventeur d'émaux et d'œuvres qui par leur grande allure artistique contentent et étonnent les autres.

J'offre ce livre où sont contées des histoires à la mode d'autrefois pour le distraire en notre cher pays montmartrois et lui offrir notre admiration sincère.

RODOLPHE SALIS.

Seigneur de Chatouirville-en-Vexin

Victor Meusy também ofereceu a Bordallo Pinheiro um exemplar das suas *Chansons d'hier et d'aujourd'hui*, edição primorosamente ilustrada por Felician Rop, com esta dedicatória :

Hommage de l'auteur à Raphael Bordallo Pinheiro, maître céramiste et glorieux peintre, sculpteur et caricaturiste portugais.

Victor Meusy.

Un témoignage d'admiration pour son grand talent, 9 aout 1889.

Esta festa tão sympathica e tão espontanea terminou cerca das duas horas da noite, ao som do hymno português, da *Marseillhe*, e aos gritos de — *Viva Portugal! e Viva a França!*

E seria uma falta não a tornar publica, porque mostra plenamente que os nossos artistas, quando são originais e essencialmente portugueses como Bordallo Pinheiro, tem um lugar marcado em Paris, o maior centro artístico do mundo.

O jornal *Chat Noir* do dia 9 d'ágosto, n'om artigo critico, da importância que tem para a arte da cerâmica as fayâncias das Caldas da Rainha.

• • •

Eis a noticia da festa, em todos os seus detalhes. Resta-nos agora apresentar aos nossos leitores o interior da sala de representações do *Chat Noir*, tendo no fundo o pequenino palco onde se representam as mais pittorescas e phantastisstas peças, todas em sombras chincas, e que temido por autores — *Caran d'Ache*, Blomberg, Robida, Henri Rivière, Somi e outros.

Esta sala do *Chat Noir* constitue uma das mais vivas curiosidades de Paris. Por ali tem passado não só toda a bohemia artística e literaria de Paris, mas todos os escritores e artistas franceses; e varias vezes ali encontrámos homens como o general Pitti, o general Boulanger, que vinham ao *Chat Noir* assistir às famosas representações da *Caran d'Ache*.

As representações de sexta-feira são as de publico select — público d'artistas, d'escritores e d'homens do mundo. Como irreverencie — porque aquela irreverencie é de rigor — o mais curioso no *Chat Noir* é ver os criados do café vestidos de *immortæs*, com a mesma casaca bordada de palmas verdes que trazem os membros da Academia francesa!

No nosso desenho, à esquerda do leitor, quasi no extremo da gravura, vê-se o perfil de Rodolphe Salis, o proprietário do *Chat Noir*. É o individuo que de pé, tem cabello, e com uma sobrecasca chincas, fala ao homem que dá o braço a uma senhora. É esse o perfil de Rodolphe Salis, *seigneur de Chatouirville-en-Vexin*, que nas noites de espetáculo explica aos seus convidados, na mais pittoresca linguagem, o argumento das peças.

Uma outra pequena gravura representa unicamente o palco do *Chat Noir*. Vê-se no transparente, Napoleão I apinhado da sua tenda, seguido d'um

caucho, e uma sentinella apresentando-lhe armas, é uma escena da célebre *Epopeia de Caran d'Ache*.

É com estes gravuras fáceis os leitores da ILLUSTRAÇÃO uma perfeita ideia do interior d'este *Chat Noir*, onde Bordallo Pinheiro foi tão festejado, e onde o nome de Portugal foi tão aplaudido, quando a orchestra entoou o hymno português.

A redacção da ILLUSTRAÇÃO felicita Bordallo Pinheiro pelas distinções de que tem sido alvo em Paris, e pela plena consagração que o seu talento aqui veio ter.

Outrás agora o seu paiz salba ter confiança em todas as ideias que Bordallo Pinheiro deseja realizar em Portugal. As fayâncias das Caldas da Rainha obtiveram em Paris um successo colossal. Que amanhã o Estado anime Bordallo Pinheiro a continuar a renascença das nossas antigas e algumas extintas industrias, verdadeiramente nacionaes, podendo accentuar o seu carácter e a sua individualidade em todas as exposições futuras.

O successo das fayâncias portuguesas em Paris é a mais brilhante resposta à nossa mil-língua e ao *feitio* indígena, que não queria ver nos produtos das Caldas mais que uma phantasia d'artista bohemio, sem nenhum resultado pratico.

Hoje Paris disse que a loja das Caldas é uma maravilha. E agora é que em Portugal se vê ver que é efectivamente uma maravilha...

Mas que se hude fazer, se o mundo é todo assim... Felizmente que in Paris para abrir os olhos a esse mundo, e apontar-lhe o que deve fazer...

* * *

Passemos agora a transcrever o artigo do *Chat Noir*, para que os nossos leitores e a imprensa portuguesa vejam de quantos elogios exponentes tem sido alvo em Paris o nosso querido amigo.

É um dever nosso dar a maior publicidade a todos estes factos, para que também os admiradores apaziguados do grande talento de Bordallo Pinheiro vejam que o artista é cada vez mais digno da admiração dos seus compatriotas, — pois é a primeira vez que um artista português se distingue d'um modo tão notável em Paris, principalmente n'este momento em que no Campo de Marte se acham reunidos os talentos de todos os países.

Eis o artigo do *Chat Noir*:

Le Chat Noir à l'Exposition.

Entré par hasard à la Section portugaise, au quai d'Orsay, nous sommes tombé en arrêt devant la poterie de Caldas da Rainha. Etablie à vingt lieues de Lisbonne, cette fabrique, qui n'a que quelques années d'existence, va fonder un dépôt à Paris, tant ses envois ont été favorablement accueillis: chaque plat est acheté sept ou huit fois, et leurs clients se nomment Charcot, Sarah Bernhardt, les deux Croquelin, etc.

Célèbre depuis la reine Dona Leonor, femme de Jean II, c'est-à-dire depuis la découverte des Indes, cette industrie était tombée dans le marasme et l'ignorance. Le paysan, sans guide et sans école, recommandait depuis cent ans le même vase. Le directeur actuel, M. Raphael Bordallo, parcouru la Péninsule, cherchant dans les objets anciens des modèles usuels, fouillant les ruines pour y trouver des faïences arabes, demandant aux paysans leurs plats, aux mulâtres leurs gourdes, aux Maures leurs carreaux de revêtement, aux juges leurs encravats, aux limonadiers leurs alcoresses, et c'est ainsi par ces types originaux, qu'il a renoué une industrie pittoresque, persuadé que si l'Anglais et l'Allemand n'ont pu faire un plat joyeux, une coupe amusante, en poterie,

Les Portugais sont toujours gais.

Nous citerons trois branches: les objets usuels, à M. Raphael Bordallo, s'inspirant de Bernard Palissy, évoque la nature par ses entortilements de poissões, de fleurs et de fruits, ou la mer, par ses coquillages brillant aux coins des plats; le carrelage indigène, entièrement dérivé ou copié des Arabes, aux tons chauds et étincelants au soleil; les gros objets servant à la décoration extérieure, sculptures de l'avenir, qui demandera des proifis au lieu de corniches étroites, des couleurs vivaces à la place de froides lignes; enfin la fantaisie où se mêlent les animaux étranges, les vertes grenouilles, les homards cardinauxques (ils sont cuits à 1800 degrés), les crabos gris et jusqu'au juifs, ce dernier échelon de l'horreur.

Maurice Isabey.

AS FESTAS DE EXPOSIÇÃO, O BANQUETE MONSTRO

Realizou-se no dia 15 d'ágosto findo no Palacio d'Industria, o banquete monstro de *quinze mil* *homens* oferecido pela Municipalidade de Paris aos *Maires* das comunas de França.

Não há memoria de banquete igual a este. Em nenhumas annas de gastronomia humana se encontra este facto de se dar um jantar para o qual foram convidadas *quinze mil pessoas*!

E o que era realmente assombroso, lembrando pelo aspecto alguma aventura do Pantagruel, era ver preparar este banquete, nas cozinhas que para esse fim se instalaram nas dependencias do Palacio d'Industria.

Exemplos: — Vinte cozinheiros estão ocupados a cortar duzentos salmões. As postas são collocadas em milhares de pratos. — Outros cortam em vinte e dois mil bocados mil e quinhentas gallinhas coradas. — Mil galantines d'aves trufadas são distribuídos em postos por mil travessas de metal brilhante. — Mil empadões encerram mil e quinhentos patos.

Dois dos principais padeiros de Paris forneceram vinte e seis mil pães. Estes pães medem cada um 22 centímetros de comprimento. Total: cinco kilos e meio de pão!

Mil açafrates com fructos!... — Mil garrafas com gás para o Champagne. — O serviço fez-se com oitoenta mil pratos. — Pelas mezas distribuiram-se trinta e cinco mil garrafas de vinho.

O serviço foi feito por mil criados. Cada criado ocupava-se de *quinze* convidados.

E toda esta organização para um semelhante jantar correu com a maxima serenidade. Como quasi todo o banquete foi de comidas frias, a cozinha propriamente dita reduzia-se a trez apparelos muito simples: — uma cafeteria contendo 140 litros, um reservatorio d'água quanto de 100 litros, e um forno para assar em trez quartos d'hora 100 kilos de carne. Sessenta salmões foram cozidos em cinquenta minutos.

N'uma cafeteria monstro fizeram-se em alguns minutos 2500 litros de café.

Depois d'isto, pôrse-nos que o festim de Balhazar, de bíblica memória, não passa d'um jantinho entre amigos, talvez ainda mais modesto que os jantares dos *Vencidos da vida*!

Pelas nossas gravuras, os leitores da ILLUSTRAÇÃO poderão ver um aspecto das mezas collocadas na grande nave central do Palacio d'Industria; a meza d'honor a qual o sr. Carnot, Presidente da Republica francesa, leu o discurso aos *Maires*; e várias scenas das cozinhas antes e depois do banquete.

Assim farão os nossos leitores umadeira das proporções que tomou este banquete, e que é indigualmente uma das festas mais curiosas da actual Exposição.

BELLAS-ARTES. — A CABRA CEGA

Continuemos os nossos passeios através da secção francesa de pintura, na Exposição do Campo de Marte, e paremos um instante diante do grande quadro do sr. Gustave Truphème.

Esta scena infantil é reproduzida com todo o encanto e toda a alegria com que a vemos na vida real, graças ao fino pincel do artista, ao seu delicado talento e à sua conscienciosa observação.

A gravura que reproduz este espirituoso quadrinho traz a assinatura de Ch. Baude, — um dos mestres gravadores do nosso tempo. É mais uma pagina brilhantissima que vem juntar-se à imensa collecção de gravuras artísticas que a ILLUSTRAÇÃO tem divulgado tanto em Portugal como no Brasil, — países onde a boa gravura andava tão desconhecida, cedendo o lugar a gravuras verdadeiramente selvagens...

O REI DINAH-SALIFU

Depois de Sua Magestade Nassar-Eddin, temos a honra de apresentar aos nossos leitores um outro curioso visitante da Exposição de Paris — Sua Magestade o rei Dinah-Salifu, acompanhado de sua esposa a rainha Phili, e de seu filho Ibrahim.

Dinah-Salifu é rei do Rio-Nunes. Tem 51 annos, e as tribus que ele governa são as dos Nalus e Bagas. Pela mesma razão (que não persistimos a ignorar) que um qualquer rei da Europa, é primo, tio, irmão, pai e ás vezes mãe de todos os outros reis e imperadores da Europa, assim Dinah-Salifu é primo ao Schah da Persia.

Mas este parentesco em nada influiu para que o sr. Carnot não recebesse no seu caminote, na noite de gala na Ópera, o rei africano. O sr. Carnot

mandou Salifu, sua mulher e seu filho para as cadeiras, — e só deu a direita no grande comarço presidencial ao Schah e a um Príncipe da casa imperial do Japão.

Houve em Paris uma entrevista entre o Schah e Salifu. O schah perguntou ao augusta prelado e primo onde ficavam os seus estados; quantos subditos tinha; e de que exercito dispunha. A nada o primo soube responder. Nem mesmo dizer que condecoração tinha ao poito. Salifu tinha-se condecorado com uma ordem do seu paiz — mas não sabia qual, nem como se chamava!

Santo varão e admirável monarca! Talvez afinal tu sejas o mais feliz, o mais bondoso, o mais honesto, e o mais philosopho de todos os estrangeiros que vieram este anno a Paris!

A ILLUSTRAÇÃO te sauda, Salifu...

Quando Salifu estava para deixar os seus estados e vir até Paris, a rainha recusou-se a acompanhá-lo, com medo da viagem por mar. E que pensam os senhores que faz Sua Magestade? Meteu-se a bordo do vapor; desceu o Rio Nunes; foi bater à porta da respeitável prelado que aqui vêm; e convidou-a a vir-lhe fazer os seus adeus a bordo; e quando a spanhou dentro do barco, mandou levantar ferro, — e ela para Paris!..

AS FESTAS DA EXPOSIÇÃO OS DELEGADOS DO SENEGAL

Seriam preciosos em vez de dois — vinte números da ILLUSTRAÇÃO por vez, para dar conta ao público luso-brasileiro dos mil aspectos pitorescos da grande Exposição, e das festas que se temem realizações em Paris.

O nosso desenhador Kauffmann oferece-nos hoje um curioso aspecto do bistro do Elysee, durante a ultima recepção do Presidente da República.

Vêem-se no primeiro plano os delegados do Senegal e o filho do rei Dina Salifu saboreando os refreshments, com uma sorprendida verdadeiramente selvagem... destacando-se o pitoresco dos seus tipos e dos seus costumes dum modo notável, ao lado da frieza-banal das nossas casacas europeias.

Actualmente, uns dos encantos de Paris, não só nas recepções oficiais, como em pleno boulevard e em plena Exposição, é observar a variedade dos trajes e dos tipos de todos os países e de todos os continentes... — desde a jaleca, a calça a bocca de sino e o sapato de salto de prateleira, do tipo afastado de Lisboa, até aos mantos dos arabs e aos rabiscos dos chinzeis.

Não imaginem que a jaleca e o salto de prateleira seja um exagero nosso. Vimos há dias, no boulevard dos Italianos, um tipo de Lisboa vestido com o mesmo rigor de toilette com que se vai a cavalo para uma espera de coiros...

E palavras que tinha uma grande originalidade!

EXPOSIÇÃO DE PARIS. — NA RUA DO CAIRO.

O desenho do nosso brilhante colaborador Adrien Marie não precisa d'explicações da nossa parte.

A rua do Cairo, de que já demos ha muito uma gravura, é não só curiosa pelas construções que são uma perfeita reconstituição do Oriente, mas também pelas lojas onde se vendem todos os artigos e quinquilharias que o Oriente costuma exportar para a Europa.

Essas curiosidades orientais ao alcance de todas as bolas, constituem lembranças da Exposição de Paris que os provincianos e os estrangeiros se apressam a comprar e a levar de presente aos parentes e amigos.

Soas cenas da rua do Cairo que Adrien Marie soube reproduzir com a veracidade e a habilidade de lapidar conhecidas e apreciadas dos leitores da ILLUSTRAÇÃO.

JACQUES DAMALA

Acerca de Jacques Damala, marido de Mme Sarah Bernhardt, fala largamente na sua chronica de Paris o nosso ilustre colaborador Gless.

Jacques Damala era grego d'origem, e começara a sua vida como addido de legação da Grécia. Em Paris enamorou-se da grande actriz; entrou para a sua troupe; e os dois casaram em Londres 1881. Em seguida no seu casamento Mme Sarah Bernhardt partiu pela primeira vez para Portugal, debutando em Lisboa no teatro do Gymnasio na *Dame aux Camélias*.

A redacção da ILLUSTRAÇÃO envia á grande actriz a expressão do seu sincero e profundo sentimento, pela morte de seu marido.



A VIRGEM BUDHA

CONTOS PHANTASIA

NAS tristes tardes de Pekim, depois de dar o meu passado favorito sobre a muralha que separa a cidade Tartara da cidade China, e à hora a que os corvos em grandes revoadas, voam grunhindo da larga planicie, abater-se como um véu de luto sobre as ramas das arvores da cidade interdicta, eu tinha por costume, antes de recolher-me, entrar um momento em casa do meu amigo « Sün-Yu », notável letrado chino, mandarin de botão de coral e primeiro secretario no « Tsung-li-Ya-men ». Ali esperava-me em cada dia o precioso chá — flor de perolas — escolhido pelos padres budhas nos solitários templos das collinas de « Miausen shan »,

Era na pequenina e desconfortável sala de « Sün », onde apenas alegravam as paredes despidas algumas tiras de seda vermelha, com caracteres bordados a preto e ouro celebrando as virtudes dos avós, que meu espírito ia a pouco e pouco penetrando nos complicados segredos da mysteriosa vida do vasto império do Meio.

Mal eu entrava, o creado que respeitosamente me introduzia, vestido n'uma ampla cabauia azul, calçado com as altas botas de seda de cavalleiro e sempre coberto com o seu chapéu de farto borla vermelha, corria discretamente a corina da escura alcova onde o « Kan », de cedro envernizado com a sua fina esteira e pequenina mesa « Ming » de velho charão, trabalho de cão de tijolo cosido, e lampada e o cachimbo, convidavam a sonhos languidamente phantasticos o impenitente fumador d'ópio. No ar havia sempre esse perfume d'ópio queimado, penetrante e levemente enjovativo, que nos entorpece ao de leve os sentidos. Em seguida o creado desviava da parede uma banca alta e estreita, dispunha dois tamboretes aos lados, e immóvel, em frente da porta, esperava impassível a entrada do seu senhor.

« Sün » affectuoso e amavel, depois do « shin-shin » curvado, estendia-me familiarmente a mão à moda europeia. Sentados ao lado da mesa, encetávamos a nossa palestra, saboreando o chá, servido em delicadíssimas chicanas de porcelana « Khanghi », da família côn de rosa, de pires de rica prata lavrada.

Um dia, lembra-me, interroguei o meu amigo sobre a razão que haveria para em todas as lojas e bazares de antiguidade me pedirem sempre preços extraordinariamente fabulosos por uma d'essas imagens da virgem « Kouan-Ki », que eu via em toda a parte, mas que decididamente ninguém me queria vender, tal era a elevada somma por que a custo consentiam em desfazer-se d'uma d'essas pequeninas figuras de porcelana branca.

« Sün », sorrindo da minha pergunta, ou antes da minha ignorância, e sorrindo da elegante tabaqueira, em forma de frasco de

sais, uma boa pitada de simonte amarellado, satisfiz a minha curiosidade principiando, como de costume, pela exclamação tão sua predilecta: « Estes homens do occidente! Estes homens do occidente!... em que elle, polidamente, punha todo o seu nobre desdém por nós, miserios filhos da velha Europa; e, cerrando um pouco os seus vivos olhos suvidos, continuou assim:

« Kouan-Ki » foi a creatura mais formosa que ainda veio a este mundo. D'uma belleza tão peregrina, nem de longe pode ser comparada a « Li-Kuan », a celebrada formosura do harem do imperador « Han-Wu-Ti », de tez tão mimos e complicação tão delicada, que o seu imperial amante afirmava que uma simples franja de seda frouxa, passada ao de leve pelas suas faces macias, lhe poderia causar dano, e temia até, que o zéphiro, ainda mesmo quando soprasse tão ligeiramente que apenas fizesse tremer nos lagos as folhas dos roseos nenuphares, fosse bastante para arrebatar-lh-a da terra!

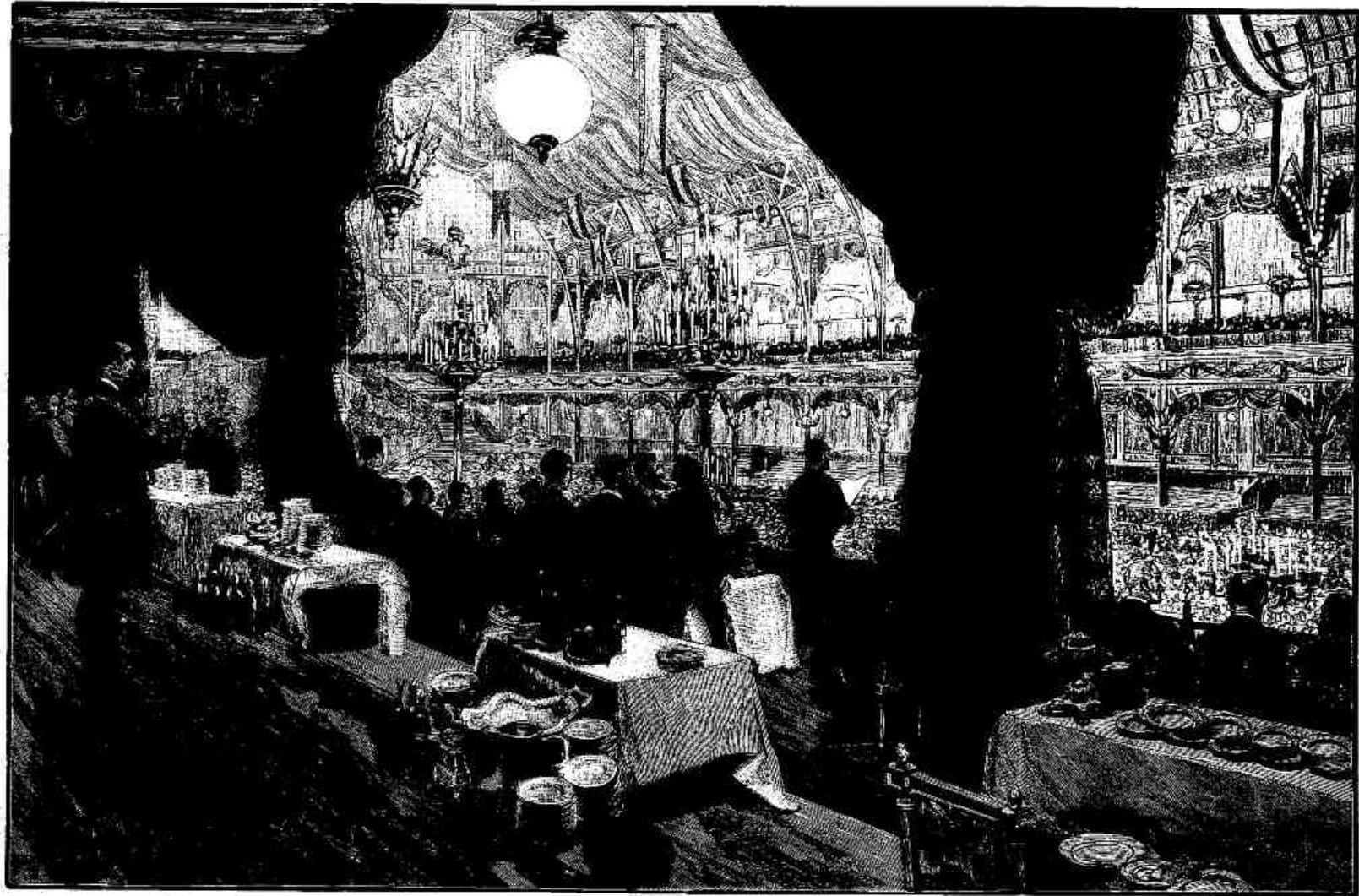
Mais bella que « Li-Ki », mais bella que todas as creações dos poemas de « Tu-Tsze-Mei ». Um deslumbramento, uma maravilha!

Pobre, passeava nas ruas de « Kai-fung » o desabrochar das suas quinze primaveras, trazendo atraç de si, avassalados por um imenso amor, todo um cortejo d'apixonados, ricos e desprotegidos da fortuna, « coolies » e nobres. Desprezando as propostas de casamento que a cada instante lhe faziam, com a sua farta trança de virgem catada pelas costas abaixos, tinha invariavelmente na bocca vermelha, que lembrava uma cereja debatida pelo « Ho », a ave imortal das nossas lendas, um « não » que feria como uma punhalada mortal.

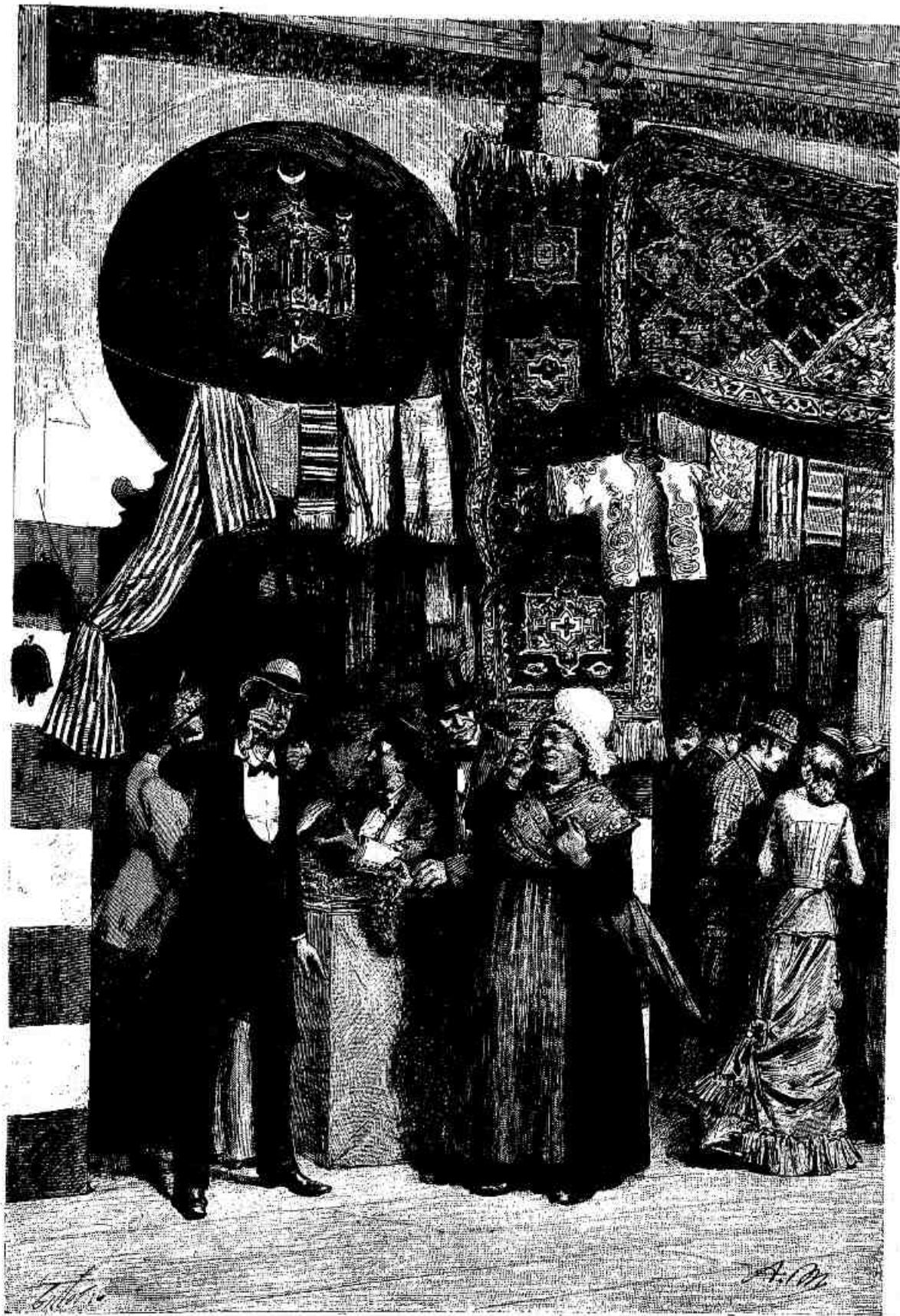
E todos ao vel-a, não logrando possuirla, ou enlouqueciam ou se matavam, procurando nas sombras das « quatro fontes » a paz para os seus tristes corações. A sua alma empedernida fazia mais victimas que uma fome assoladora. Assim « Kai-fung » transmutava-se n'um cemiterio, e pais e mães choravam desesperados os filhos que perdiam!

Pouco tardou em chegar ao palacio do « Filho do Ceu » notícia d'essa funesta formosura, e logo o imperador enviou emissários a « Kai-fung » ordenando que fosse conduzida á sua presença essa mulher mais pura e mais bela que o « Yu », o supremo simbolo da eterna pureza e da eterna formosura! Indiferente, recebeu os enviados do poderoso imperador « Suan-Ti », e, escoltada como uma princesa de sangue, partiu n'uma cadeirinha caminhando da grande capital. Mensageiros montados em soberbos cavalos mongoes, brancos de espuma, chegavam em cada dia a palacio, informando da viagem de « Kouan-Ki », que vinha atraçando as províncias, despovoando aldeias e cidades, seguidas até de velhos que, como os moços, se abrasavam na chama do seu olhar celestial.

Era noite, quando ao cabo de um mez o numeroso cortejo chegou ás portas da cidade interdicta. Sem mais detença « Suan-Ti », cercado da sua brilhante corte, ordenou que « Kouan-ki » fosse introduzida ascendendo-se todos os candelabros de lirios d'ouro como se se tractasse da mais sumptuosa festa. E ao vel-a, o « Filho do Ceu », como o ultimo dos seus vasallos, caiu rendido, des-



AS FESTAS DA EXPOSIÇÃO. — O BANQUETO DE 15.000 TAUHEREIS, OFERECIDO AOS « MAIRES » DE FRANÇA NO PALACIO DA INDUSTRIA. — O PRESIDENTE DA REPUBLICA PRONUNCIANDO O SEU DISCURSO.



EXPOSIÇÃO DE PARIS. — NA RUA DO CAIRO. — Provincianos e estrangeiros comprando curiosidades nos bazares orientais.

lumbreado! E ao escutar-lhe a voz suave, cuidou até ouvir os sons do « kan » vibrado pelo proprio Genio d'Harmonia!

Mandou retirar a corte e de jangas imploreu-lhe o seu amor, que consentisse em subir com elle os dourados degraus do throno cravejado de pedrarias, donde dominava o mundo.

« Kouankti », pondo na sua voz a deliciosa morbideza d'uma musica estranha, respondeu como a todos:

— Que no seu coração não sentiu amor!

Em vno durante dias e dias « Suan-ki » tentou captivar-o, abrascal-a, na chama de paixão que o devorava. Fora, em volta dos altos muros, coroados de telhas amarelas, a legião dos namorados que a tinham seguido debatiam-se ferozes implorando a morte; mas que o « Filho de Cau » consentisse que uma verdadeira vez visssem a deslumbrante aparição que os perdera!

Então o imperador, generoso como bom « Filho do céu », mandou — unico exemplo na historio d'este império — abrir de par em par as portas da cidade interdita, consentindo a todos os seus subditos que viessem desfilar deante de « Kouankti » para que ella podesse escolher o eleito do seu coração, prometendo ao feliz rival honras e riquezas sem conta.

Nos vastos jardins do palacio confundiam-se as ricas ebaus dos senhores com as esfrangalhadas vestes dos pobres; sem distinção, um por um, à medida que chegavam, iam entrando no pavilhão onde « Kouankti », cercada pelas mais belas mulheres do harem imperial, ouvia os protestos dos seus adoradores, despedindo-os com desdém. Quando o ultimo saiu e o imperador quis saber o nome do feliz mortal, ella, pondo na sua voz a deliciosa morbideza d'uma musica estranha, respondeu como sempre:

— Que no seu coração não sentiu amor!

« Suan-ki » como louco fugiu, deixando só essa mulher mais fria que os proprios gelos de inverno. As sombras da noite desciam pesadas sobre os jardins já desertos. Horas depois, n'um ultimo alento de esperança, o imperador voltando ao pavilhão não a encontrou. A lun como um perola enorme, inundava a terra e o céu d'um fulguramento igual, e para as bandus d'onde apparece o sol, fluindo sobre um novo telo de nuvens coloridas, « Suan-ki » viu pela derradeira vez a formosissima « Kouankti », que baixinho la segredando ás estrelas com a sua voz em que havia a morbideza d'uma musica estranha:

— Que no seu coração não havia amor!

No dia seguinte o imperador — o Grande Buddha do dia d'hoje — elevava a Divindade a « Virgem Kouankti ». N'esse decreto, porém, ordenava que para a adoração da nova Deusu a sua imagem, por todo o sempre, não podesse ser reproduzido senão em barro. Assim ficava bem assente que essa criatura ideal, apesar de sua essencia divina, não tinha coração.

Ora amigo — dizia-me « Sain » procurando ler nos meus olhos a impressão que a sua lenda me fizera — se é certo que n'esta vida não existe felicidade sem amor, não é menos também que tal sentimento, levado ao excesso da paixão, condue aos maiores crimes. Por isso em todo a casa chima se encontra e se guarda piedosamente a « Virgem Kouankti », que artefice com o seu

olhar de gelo os desvairamentos dos nossos corações.

Levantando-se, levo-me por uma das portas da sala a um corredor estreito e baixo, que ladeava o pátio interior, e onde eu nunca tinha penetrado. Ao fundo, suspenso do teto vermelho, via-se um especie de oratório feito de madeiro entalhado. Sobre o ultimo degrau do pequenino throno, virgem branca, leitosa, de porcelana, « Te-hou », da melhor epocha « Kouankti », com os braços cubados e as mãos cruzadas, iluminava com « brilho incomparável da neve refida por um raio de sol ». Na sua attituden havia um tal limbo de graça hierática, que n'aquelle silencio dos seus labios immoveis, cudei até ouvir a mesma voz, em que havia a morbideza d'uma musica estranha, repetindo:

— Que no seu coração não sentiu amor!

O atulido chino, surpreendentemente a minha admiracão, tomou-me o braço; e, ao entrarmos de novo na sala, perguntou-me triunfante, se n'alguma religião eu conhecia Divindade que podesse ser comparada áquelle.

Sorri-me ento por meu tueto, affirmando-lhe que para as bandus do Occidente as virgens « Kouankti » se contavam ainda hoje aos milhares.

Todos solteironos! E atirei-lhe desdenhosamente com essas palavras, que ate parece soar da mesma maneira em todas as linguas.

« Sain » riu franca e alegramente do meu exagero, acrescentando philosophicamente:

— Pobres solteironos caluniosos. Vá com esta, amigo, não existe, não tem existido, nem só que não tem no fundo do seu coração a ferida mal cicatrizada d'um amor não correspondido. Não, não existe mulher nenhuma cumo a nossa Virgem, e, se por ventura existisse, essa mulher seria de barro!

Hoje, quando por acaso vejo uma d'essas criaturas vulgares, que atravessam a vida com o coração inteiramente alheio a um fugitivo sonho d'amor, recordo-me indiferente e sem saudade, do ingenuo tempo em que as considerava humilhas, e, como o sabio china, repito de mim para mim:

— São de barro e, o que é mais ainda, d'este vil barro que cade dia envelhecer...

Bernardo da Pimpura.

NOTAS E IMPRESSÕES

A paisagem é a grande pintura religiosa do nosso século. Corot, Miller, Troyon, educam a alma, como um S. Chrysostomo ou um S. Francisco Xavier. O Angelus vale o Flóri Sacerdorum. E' que a Natureza é a ultima egreja, em que o nosso espírito, atormentado e sceptico, ajoelha ainda para rezar. Ha florestas titânicas, oceanos profundos e redilhos de verdura virgem e de alegria heroica, que, se rompe á d'ala, sob a inocencia infinita, sob a benção de nupcias d'um azul de mar, entram rumorosamente silenciosos: não sei que Te Deum gigantescos, a todas as vozes da Criação... Ah! que sermão resplandecente que se fazia, coligido por exemplo todos os sermones d'autuno, que os cedros de Bussaco tem pregado do alto do seu pulpite duzentos annos para cá! Que belas orações, verdadeiramente sagradas, as d'esse quereram pantheista!

Ha homens que são cachorros e que se fingem dantudos, a ver se se tornam confuscos. Hydrophobias de profusão.

O Rancor dormiu uma noite com a Cobardia. D'ahi a nove mozes nasceu a Perfídia. O Rancor tem dentes de leopardo e a Cobardia tem pernas de raposa. A filha saiu a ambas. Da dentadas e desatou a fugir.

Na lucta da vida quem não tiver o sentimento do comicó esté morto, torna-se um grotesco. E por isso que muitos homens de valor, publicamente, passam por idiotas.

Não comprehendo a razão por que se fez do pelícano o symbolo do sacrificio.

Lembremos-nos que o mesmo heróico pelícano, que dá a comer a prato as suas viscera, já tinha comido anteriormente, em pequeno, as viscera da mãe.

Não será antes o emblema tragico da expliação hereditária?

Guilherme Junqueiro.

ESTATÍSTICA ESCOLAR

EM 1882 havia em França (Argelia não comprehensível) 75.353 escolas. Em 1887, contam-se 80.209 escolas, ou seja um augmento de 3.701 escolas públicas e 863 particulares.

O numero total dos professores ou professoras das escolas públicas e particulares, tambem comprehensivas as escolas maternas, era em 1882, de 136.550; — e em 1887 de 145.608, dos quais 107.008 no ensino publico, e 42.600 no ensino particular.

Os alunos matriculados formavam em 1882 um total de 5.341.211; e em 1887 elevavam-se ao numero de 5.526.305, ou seja um augmento de 185.094 alunos em cinco annos.

VARIACOES DA COMPOSICAO DO TRIGO

Dois chimicos allemandes trataram de estudar quais eram as diversas composições do trigo segundo as diferenças de estação e de clima. Analysaram com o maior esmero um grande numero de amostras de trigos das Indias, d'Inglaterra, da Russia e d'outros países, sobretudo com o fim de poderem determinar as proporções das matérias azotadas e as do amido.

Por estes analyses concluiram que o trigo da Europa, anninhava uma media de 13,69 por cento das principais substancias, enquanto que o trigo das Indias não continha senão 12,06 por cento.

Em geral, encontrou-se uma maior proporção das matérias albuminosas e de gluten nos grãos cuja maturação foi rapida; sendo respectivamente de 13,17 e 18,08 por cento.

Quando a maturação só não faz no espaço de 150 dias, a proporção das matérias reduz-se a 12,47 e a do gluten a 9,92 por cento.

Os pequenos grãos de trigo distinguem-se sempre por uma quantidade elevada de gluten, enquanto que os grossos são principalmente ricos em amido.

Resulta deses factos que uma colheita que amadureceu rapidamente, contém uma maior proporção de substancias nutritivas, do que a colheita cuja maturação foi retardada por qualquer causa.

Quanto mais gluten tiver a farinha, mais a massa será espessa; assim como farinha proveniente do trigo de maturação rapida fará um pão mais leve.

Para cozedura do pão, a presença d'uma grande quantidade d'amido é importante, de sorte que o melhor pão será aquelle que se fizer com uma farinha de trigo de grossos grãos e que tiver amadurecido rapidamente.

Que meditem no assumpto os lavradores portugueses.

TSARINE
Pó de ARROZ RUSSO
Alimentar, Nutritivo, Injertivo
Preparado por VINCENT
26, Boulevard des Italiens, PARIS

A NOZ DIC- KOLA

Um cirurgião inglez, n'um relatorio oficial, acaba de recommendar o uso da noz da kola para as tropas em campanha.

Bazeia-se em numerosas experiências feitas com soldados ingleses, para afirmar que, se esta noz não nutre, estimula comutido e desperta o vigor.

Aconselha que se mastigue a noz juntando este processo preferencial a todos os outros. A noz actua talvez pela quantidade de casofim que encerra.

A MIGRATION HISTORY INQUIRY

Vimos hoje recomendar aos nossos leitores, e particularmente aos nossos leitores que se acham em Paris ou que vêm a Paris, os magníficos ateliers fotograficos da casa Benque, 33, rue Uloisy-d'Anglas, uma das primeiras do seu gênero que existe em França.

Visitamos ultimamente
esses ateliêrs, e sahimos
de lá maravilhados pelos
resultados que ali se ob-
teem no domínio da pho-
tographia.

Os numerosos retratos que ali vimos, tem um tal acabamento que é impossível achar uma perfeição mais absoluta; e como são esses retratos das celebritades do dia, facilmente se pode ajuizar da exacta semelhança.



Mas só a casa Benque é das primeiras entre os melhores photographos de Paris, não é sùmente pelas simples photographias que executa, é tambem, e principalmente, pelas seus retratos em photographia, dum gênero absolutamente novo; pelas suas adoráveis miniaturas sobre esmaltes, a preto e a cores, d'uma tal factura que se podem encomendar de todos os tamanhos, para anel, para medalhão, para a tampa interior dum relâgio, e para um caixilho de parade. E o que torna estas esmaltes ainda mais preciosas, é que são absolutamente inalteráveis, devido à alta temperatura em que são vitrificadas.

Uma visita à casa Benque é tanto mais interessante, que a instalação dos seus salões mostra que a elegância e o bom gosto são uma verdadeira tradição n'aquelle casa, tão concorrida dos parisienses. Vimos ali pessoas dignas de todos os elogios e adoráveis bustos de crianças.

Além da casa principal, 33, rue Boissy-d'Anglas, o sr. Benque possue uma verdadeira exposição na rue Royale, 5, mesmo no centro de Paris, elegante, mundano e artístico.

Somente, é preciso marcar a pose com antecedência, porque os ateliêrs estão sempre cheios, principalmente n'esta quadra da Exposição em que todos querem levar um bom retrato tirado em Paris.

NECROLOGIA. — O actriu, Jacques Damala, marido de Sarah Bernhardt.

T. JONES PARIS
23, Boul^{de} des Capucines, 1^{re} arrondissement, Paris
Fabricante de Económica Inglesa
EXTRA-FINA

T. JONES
Fluido Latif
Producto sencillo para amollar
e preservar la piel quebradiza.

T. JONES
Extratos compuestos
Po ser neminha mistura chumbo em os
coledados de resto adstringente a inviaivel.

T. JONES
La Juvenile
Para combinar com Latif Cream ou a Peso com o Hidratante.

T. JONES
Lily Wash
Conservar-se perfeitamente seca, talha os cliques.
Superior a todos os Cold-Cream contelados.

T. JONES
Latif Cream
Conservar-se perfeitamente seca, talha os cliques.
Superior a todos os Cold-Cream contelados.

T. JONES
Agua de Toilette Jones
Tonica e Refrigerante.

T. JONES
Elixir e Pasta Samohui
Tonifica, Regenera os dentes, impõe a cura e o conforto.

T. JONES
23, Boul^{de} des Capucines, 23
PARIS
Fabricante de Económica Inglesa
EXTRA-FINA

T. JONES
Extratos compuestos
SEBIRINA NEW
NEW MOUS. NY
STEPHANOIS
OPONAX
VIOLETS
AIDA
TUBERÉE
etc.

LA CHARMERESSE

CHARMESSA
Pó refrigerante, a non plus ultra das pôs de belas. A combinação incomparável prova ao ponto da etica da hygiene, a sua fragrância, amealhando o seu perfume, absorvendo os perfumes indesejáveis. Interessante recomendação: **CHARMESSA CONCENTRADA** e solidificada em esterco, para uso em casa, é um ótimo desodorizante. **CHARMESSA** é fabricada por **ANANDA WORLD TRADE CO., LTD.** (Anandão, Tóquio, Japão). **CHARMESSA** é inventado por **DR. J. P. R. BONNER**, em **1904**.

Le Gérant: P. Mouillot.

PARIS. — IMPRENSA P. MOUILLOT, 13, QUAI VOLTAIRE.